

Nome _____ Ano _____ Turma _____ N.º _____

Grupo I

Apresenta as tuas respostas de forma bem estruturada.

PARTE A

Lê o texto.

– Acorramos ao Meestre, amigos, acorramos ao Meestre que matam sem por quê!

A gente começou de se juntar a ele, e era tanta que era estranha cousa de veer. Nom cabiam pelas ruas principaes, e atrevessavom logares escusos¹, desejando cada uñ de seer o primeiro; e preguntando uñs aos outros quem matava o Meestre, nom minguava² quem responder que o matava o Conde Joam Fernandez, per mandado da Rainha.

E per voontade de Deos todos feitos duñ coração com talente³ de o vingar, como forom aas portas do Paaço que eram já çarradas⁴, ante que chegassem, com espantosas palavras começaram de dizer:

– U matom o Meestre? que é do Meestre? Quem çarrou estas portas?

Ali eram ouvidos brados de desvairadas⁵ maneiras. Taes i havia que certificavom que o Meestre era morto, pois as portas estavom çarradas, dizendo que as britassem⁶ para entrar dentro, e veeriam que era do Meestre, ou que cousa era aquela.

Deles braadavom por lenha, e que veese lume pera poerem fogo aos Paaços, e queimar o treedor e a aleivosa⁷. Outros se aficavom⁸ pedindo escaadas pera sobir acima, pera veerem que era do Meestre; e em todo isto era o arroido atam grande que se nom entendiam uñs com os outros, nem determinavom neñma cousa. E nom soamente era isto aa porta dos Paaços, mas ainda arredor deles per u homeês e molheres podiam estar. Ûas viinham com feixes de lenha, outras trariam carqueija pera acender o fogo cuidando queimar o muro dos Paaços com ela, dizendo muitos doestos⁹ contra a Rainha.

De cima nom minguava quem braadar que o Meestre era vivo, e o Conde Joam Fernandez morto; mas isto nom queria neuñ creer, dizendo:

– Pois se vivo é, mostrae-no-lo e vee-lo-emos

Entom os do Meestre veendo tam grande alvoroço como este, e que cada vez se acendia mais, disserom que fosse sua mercee de se mostrar aaquelas gentes, doutra guisa¹⁰ poderiam quebrar as portas, ou lhe poer fogo, e entrando assi dentro per força, nom lhe poderiam depois tolher¹¹ de fazer o que quisessem.

Ali se mostrou o Meestre a ùa grande janela que viinha sobre a rua onde estava Alvoro Paez e a mais força de gente, e disse:

– Amigos, apacificae vos, ca eu vivo e são som¹² a Deos graças.

Fernão Lopes, *Crónica de D. João I de Fernão Lopes* (textos escolhidos), apresentação crítica de Teresa Amado, Lisboa, Seara Nova/Comunicação, 1980, capítulo 11.

¹ *escusos* – escondidos ou pouco frequentados. ² *minguava* – faltava. ³ *talente* – vontade. ⁴ *çarradas* – encerradas, fechadas. ⁵ *desvairadas* – várias, diversas. ⁶ *britassem* – arrombassem. ⁷ *aleivosa* – maldosa, traidora. ⁸ *aficavom* – teimavam. ⁹ *doestos* – insultos. ¹⁰ *guisa* – maneira, modo. ¹¹ *tolher* – impedir. ¹² *som* – sou.

1. Comenta a ação das diferentes personagens, enquanto atores individuais e coletivos.

2. Explicita o sentido de «todos feitos duñ coração» (l. 6), relacionando-o com a noção de identidade nacional.

3. Retira do texto:

a) uma apóstrofe;

b) um pleonasmo.

Lê o texto. Se necessário, consulta as notas.

PARTE B

Foi a cítola¹ temperar²
Lopo³, que citolasse⁴;
e mandarom-lh'algo dar,
em tal que a leixasse⁵;
5 e el cantou log'entom,
e ar⁶ derom-lh'outro dom⁷,
em tal que se calasse.

U⁸ a cítola temperou,
logo lh'o dom foi dado,
10 que a leixass', e el cantou;
e diss'um seu malado⁹:
[- Pera leixar de cantar,]
Ar dê-lh'alg', a quem pesar¹⁰:
nom se cal'endoadado¹¹.

15 E conselhava eu¹² bem
a quem el dom pedisse,
desse-lho log'e, per rem¹³,
seu cantar nom oísse¹⁴,
ca¹⁵ est'é, ai, meu senhor,
20 o jogral braadador¹⁶
que nunca bom som¹⁷ disse.

Martim Soares, in Graça Videira Lopes, Manuel Pedro Ferreira *et al.* (2011), *Cantigas Medievais Galego Portuguesas* [base de dados online], Lisboa, Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA (consultado em novembro de 2018, disponível em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt>).

¹ cítola – instrumento musical de cordas. ² temperar – afinar. ³ Lopo – trovador da época medieval. ⁴ citolasse – tocasse. ⁵ leixasse – deixasse. ⁶ ar – de novo. ⁷ dom – presente, dádiva. ⁸ U – quando. ⁹ malado – criado. ¹⁰ Ar dê-lh'alg', a quem pesar – quem ficar incomodado, dê-lhe novamente algo. ¹¹ endoadado – de graça. ¹² eu – o criado de Lopo. ¹³ per rem – por nada, de modo nenhum. ¹⁴ oísse – ouviu. ¹⁵ ca – porque. ¹⁶ braadador – berrão. ¹⁷ som – música de uma cantiga.

4. Identifica o género da cantiga, justificando a tua opção.

5. Explica os conselhos dados pelo criado.

6. Comenta a crítica de costumes subjacente à cantiga.

PARTE C

7. As cantigas de escárnio e maldizer e a *Crónica de D. João I* exibem um olhar atento sobre a sociedade e são documentos de época preciosos.

Escreve uma breve exposição acerca das temáticas sociais que podemos encontrar nas cantigas de escárnio e maldizer e na *Crónica de D. João I*.

A tua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual te refiras às temáticas sociais, apresentando uma problemática social presente nas cantigas de escárnio e maldizer e outra na *Crónica de D. João I*, fundamentando as ideias apresentadas em, pelo menos, um exemplo significativo para cada;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Grupo II

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, seleciona a opção correta.

Escreve, na folha de respostas, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

Lê o texto. Se necessário, consulta as notas.

Um mistério com mais de 500 anos na História de Portugal, sobre quem foi o cronista Fernão Lopes, pode ter chegado ao fim com a descoberta desse nome numa lápide¹ à entrada da Igreja Matriz do Alandroal, vila do distrito de Évora.

5 «Acho que é uma contribuição definitiva para estudar um homem sobre cuja vida não se sabe nada», defende ao *DN* João Torcato, um investigador que trocou a vida na capital pelo regresso ao Alandroal – «terra pequena e perdida no meio da planície alentejana» onde esta descoberta «é uma mais valia em termos culturais e turísticos». [...]

10 «Nunca se tinha pensado nem se sabia onde Fernão Lopes estava sepultado», assinala José d'Encarnação ao *DN*. Agora, embora com as reservas naturais dos investigadores, este catedrático justifica a conclusão de os restos mortais do quarto Guarda-Mor da Torre do Tombo estarem na Igreja de Nossa Senhora da Graça com o conjunto de factos que até aqui não tinham explicação.

15 «Apontamos para ser o cronista porque temos uma explicação para o privilégio, para a importância dada a essa zona» por Fernão Lopes nos textos que escreveu, observa José d'Encarnação, enquanto João Torcato evoca os nove capítulos da *Crónica de D. João I* que o autor dedica ao Alandroal numa época – a crise de 1383-1385 – em que aí «praticamente não houve nada de relevante» e quando «o país estava num estado de guerra absoluto». Exemplos? As batalhas dos Atoleiros, Trancoso, Aljubarrota e Valverde.

20 Fernão Lopes é considerado o fundador da historiografia portuguesa e até agora apontava-se para Lisboa como local de nascimento (entre 1380 e 1390) e morte (cerca de 1460). Além de responsável pelos arquivos da Torre do Tombo², foi o autor das crónicas sobre os reis D. João I, D. Fernando e D. Pedro, bem como de outros monarcas, cujos textos desapareceram. A sua escrita era marcada pela objetividade, que rompia com as tradições da época e na qual, lembra João Torcato, os membros do povo passaram a ser protagonistas. [...]

25 Mas poderá aquele nome corresponder a outra personagem que não o famoso cronista? «É uma pergunta perfeitamente legítima», sublinha José d'Encarnação, mas os elementos informativos existentes levam a concluir que só pode ser o autor da *Crónica de D. João I*.

30 Além de Fernão Lopes referir exaustivamente a vila do Alandroal, a única vila do Alentejo cujo brasão de armas é semelhante ao da Casa de Avis³ [...], a existência de um convento que funcionava como escola – explica a erudição que o caracterizava e permitiu a alguém de origem humilde chegar a Guarda-Mor da Torre do Tombo – e lhe permitiu ser conhecido pelos responsáveis da Ordem de Avis, destacam os autores.

Acresce o pormenor, regista ainda João Torcato, de as pessoas nessa época «serem sepultadas na terra natal» para reforçar a tese de que Fernão Lopes é natural da vila do Alandroal.

Manuel Carlos Freire, «Lápide em igreja desvenda mistério sobre o cronista Fernão Lopes», in *Diário de Notícias*, 26 Janeiro 2018 (disponível em: <https://www.dn.pt>, consultado e adaptado em novembro de 2018).

¹ *lápide* – pedra sepulcral. ²*Torre do Tombo* – uma das instituições de arquivo mais antigas do país (em Lisboa). ³*Casa de Avis* – relativa à família e dinastia de Avis.

1. O facto de Fernão Lopes ser natural da vila do Alandroal explicaria
 - (A) o privilégio concedido à vila, em momentos históricos efervescentes noutros locais.
 - (B) os nove capítulos dedicados às várias batalhas travadas em Portugal.
 - (C) os nove capítulos dedicados à crise efervescente de 1383-1385.
 - (D) a relevância concedida a um estado de guerra absoluto em Portugal.
2. Tendo em conta as conclusões dos investigadores,
 - (A) podemos ter a certeza absoluta de que estamos perante o túmulo de Fernão Lopes.
 - (B) há uma probabilidade ínfima de estarmos perante o túmulo de Fernão Lopes.
 - (C) há indícios muito pertinentes de que estamos perante o túmulo de Fernão Lopes.
 - (D) é muito pouco provável estarmos perante o túmulo de Fernão Lopes.
3. Na expressão «[d]o quarto Guarda-Mor da Torre do Tombo» (l. 10), o autor utiliza
 - (A) uma metáfora.
 - (B) uma perífrase.
 - (C) um eufemismo.
 - (D) um pleonismo.
4. O referente do pronome pessoal em «explica a erudição que o caracterizava» (l. 29) é
 - (A) «Alentejo» (l. 27).
 - (B) «Fernão Lopes» (l. 27).
 - (C) «brasão de armas» (l. 28).
 - (D) «convento» (l. 28).
5. Em «os elementos informativos existentes levam a concluir que só pode ser o autor da *Crónica de D. João I*» (ll. 25-26), a oração subordinada é
 - (A) adverbial final.
 - (B) adverbial causal.
 - (C) adjetiva relativa restritiva.
 - (D) substantiva completiva.
6. Indica as funções sintáticas desempenhadas pelas expressões seguintes:
 - a) «para Lisboa» (ll. 18-19);
 - b) «natural da vila do Alandroal» (l. 33).
7. Identifica os processos fonológicos que ocorreram na evolução da seguinte palavra:
 - PERSONA > pessoa > pessoa.

Grupo III

O maior desafio do século XXI...

Num **texto de opinião** bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, defende uma **perspetiva pessoal** sobre qual é **o maior desafio que a nossa sociedade enfrenta e como vencê-lo com sucesso**.

No teu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o teu ponto de vista, fundamentando-o em dois argumentos, cada um deles ilustrado com um exemplo significativo;
- utiliza um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2018/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas e cinquenta palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

Grupo	Item							
	Cotação (em pontos)							
I	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	
	16	16	8	16	16	16	16	104
II	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	
	8	8	8	8	8	8	8	56
III	Item único							
								40
TOTAL								200